

## Dos rituais xamânicos às plataformas digitais: artistas indígenas Huni Kuin e a circulação de cantos de cerimônia de ayahuasca

Leonardo Corrêa Bomfim<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho busca discutir os processos de deslocamento, ressignificação e circularidade de cantos sagrados (*Huni Meka*) dos indígenas Huni Kuin/Kaxinawá do Acre, gravados por artistas da própria etnia e publicados em formato de áudio e audiovisual em plataformas digitais como o Spotify e Youtube. Nessa mesma esteira, a pesquisa visa refletir sobre os trânsitos entre as identidades de xamã/pajé e artista, proporcionados pela mediação de canções cerimoniais. Para os Huni Kuin, a cerimônia de ayahuasca é denominada *Nixi Pae* (que na língua hatxa kuin possui o significado *Nixi*: fio/cipó e *Pae*: encanto). O *Nixi Pae* ou *Huni Pae* é produzido através do cozimento do cipó *huni* (mariri/jagube) com a folha *kawa* (chacrona), em um processo lento, artesanal e ritualístico. Após preparada a bebida, as cerimônias são conduzidas preponderantemente através dos cantos indígenas, que são transmitidos de forma geracional após serem recebidos por “Yuxibu”, o grande espírito criador (que também se manifesta em cada indivíduo, animal ou planta). Os efeitos causados pela substância remetem aos processos primordiais de criação do universo na perspectiva da cosmogonia Kaxinawá (LABATE, 2004). A ingestão da bebida psicoativa (que incorpora “DMT” dimetiltriptamina em sua composição) possibilita o contato com outra realidade sensorial e psicológica, descrita por alguns pesquisadores como sinestésica ou holística (KEIFENHEIM, 2004), abrangendo um contato com distintas sonoridades, imagens e cores. Os cantos ritualísticos, entoados em comunhão com a força da ayahuasca, proporcionam e potencializam manifestações visuais (caleidoscópicas, multicores), “mirações” (visões que se aproximam ao universo onírico ou a mundos distintos), contatos com seres animais (jiboia, gavião, onça, sapo) e espirituais que integram a cosmologia Huni Kuin, transmitindo aprendizados (insights) e curas (físicas e espirituais) (MENESES, 2018). A pesquisa em desenvolvimento vem sendo realizada a partir de participações do pesquisador em cerimônias xamânicas de ayahuasca conduzidas por indígenas Huni Kuin na Aldeia Akasha em Itaipava. Como metodologia, o trabalho está sendo pautado em levantamentos bibliográficos, pesquisas em plataformas virtuais de streaming, entrevistas e diálogos com interlocutores e etnografia em campo. Dentre as narrativas dos xamãs/artistas Huni Kuin que justificam este trânsito entre os cantos ritualísticos e as canções midiáticas, estão: “apresentar a cultura” aos *nawa* (brancos ou não indígenas) (FERREIRA OLIVEIRA, 2018), “fortalecer a cultura” indígena e “criar conexões entre a floresta e as cidades”.

### Palavras-chave

Huni Kuin, Cerimônia de ayahuasca, Cantos xamânicos, Aldeia Akasha, Plataformas digitais.

---

<sup>1</sup> Professor efetivo na área de Música na Universidade Federal Fluminense com lotação no COLUNI-UFF. Doutor em Etnomusicologia no Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO.

## Os Huni Kuin e as cerimônias de *Nixi Pae* (ayahuasca) na Aldeia Akasha

As cerimônias de ayahuasca são realizadas há séculos por diversas etnias dos povos originários da América do Sul, estando presente em países como Peru, Equador, Colômbia, Bolívia, Venezuela e Brasil. Algumas pesquisas apontam que a utilização do referido chá – que em quéchua significa “cipó dos espíritos” – remeta a milênios anteriores à chegada e invasão dos portugueses e espanhóis em terras americanas (HILBERT, 2021). Em território brasileiro, a bebida é historicamente consumida em diversos processos ritualísticos no noroeste amazônico, sobretudo pelos povos de língua Pano, mas também pelas famílias etnolinguísticas Arawak e Arawá (MATOS, 2022). Entre os povos do tronco linguístico Pano, é possível citar algumas etnias do Acre que compartilham culturalmente o uso da ayahuasca, tais como os Huni Kuin/Kaxinawá<sup>2</sup>, Yawanawá, Shanenawa, Shawãdawa, Noke Koî/Katukina, Puyanawa, entre outros, além das vertentes religiosas ayahuasqueiras como o Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal, que compartilham origem no mesmo Estado ou Região Norte brasileira.<sup>3</sup>

Em razão do sistema de extração do látex dos seringais e do Ciclo da Borracha na Região Norte do país, uma grande parcela desses povos indígenas foi explorada e cerceada de suas práticas culturais e ritualísticas, em um trágico processo de etnocídio (VIVEIROS DE CASTRO, 2020) durante as últimas décadas do século XIX e início do século XX. Diversos conflitos armados no noroeste da Região (na fronteira com Peru e Bolívia), relacionados à disputa de territórios para a obtenção da borracha, culminaram em 1903 no Tratado de Petrópolis que firmava a aquisição e incorporação do Estado do Acre ao território nacional (GOVERNO DO ACRE, 2023). Algumas etnias indígenas, por terem vivenciado um longo e árduo processo de aculturação, vêm buscando nas últimas décadas uma retomada de suas origens, pesquisando sobre ritos e práticas que envolvem suas ancestralidades, e até mesmo reaprendendo aspectos cerimoniais e musicais com etnias vizinhas (JORNAL GRANDE BAHIA, 2021).

Em meados de novembro de 2018 tive a oportunidade de participar de minha primeira cerimônia de ayahuasca na Aldeia Akasha, local que venho frequentando com maior assiduidade desde o início de 2023. Nessa primeira ocasião o ritual foi conduzido pelo pajé

---

<sup>2</sup> Anteriormente, na Antropologia, o termo mais utilizado para se referir a esse povo era “Kaxinawá”. Entretanto, mais recentemente, os próprios indígenas vêm reivindicando que sejam chamados pela sua autodenominação “Huni Huin” (que significa “gente verdadeira”), em detrimento da denominação Kaxinawá, atribuída por outros povos.

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre as religiões ayahuasqueiras (Santo Daime, Barquinha e União do Vegetal), consultar artigos no livro “O uso ritual da ayahuasca” (LABATE, 2004).

Txana Kixtin da etnia Huni Kuin, e a cerimônia teve uma duração de cerca de nove horas, iniciando por volta das 22:30h e encerrando somente após o amanhecer, em torno das 7:30h. A aldeia está localizada na região do Vale do Cuiabá na cidade de Itaipava, a cerca de quinze quilômetros do centro da cidade. O local é composto por uma Kupixawa (espaço onde ocorrem as cerimônias) com capacidade para até 110 participantes, além de uma cozinha, refeitório e outras bioconstruções, geodésicas e dormitórios para receber e abrigar os participantes. No local também são vendidos artesanatos indígenas de várias etnias, além de instrumentos musicais, vestimentas e livros em uma loja denominada Inu Tae (INU TAE, 2023). Atualmente é possível descrever a Aldeia Akasha como um espaço de vivências multiétnicas que recebe diversas comitivas indígenas (Huni Kuin, Yawanawá, Shawãdawa, Noke Koî etc.) para a realização de cerimônias e imersões.

A maior parte das cerimônias na Aldeia Akasha são organizadas pelos Guardiões Huni Kuin<sup>4</sup>, uma parceria estabelecida desde o ano de 2015. De acordo com o site dos Guardiões Huni Kuin, o grupo se autointitula como um “coletivo unido pelo potencial de transformação das medicinas sagradas, tendo como principal utilização a Ayahuasca, ou Nixi Pae/Uni” (PORTAL TXAI, 2023). Os Guardiões também afirmam nessa plataforma que trabalham pela difusão dos saberes ancestrais dentro de um contexto indígena tradicional:

Em 2005 três jovens lideranças do povo Huni Kuin da Amazônia trazem pela primeira vez aos grandes centros urbanos do país o ritual do Nixi Pae (ayahuasca), tal como é realizado nas aldeias desde os tempos imemoriais. Fabiano Txana Bane, Leopardo Yawa Bane e Zé Bane, filhos do cacique Siã Sales, foram os pioneiros em trazer os ensinamentos da floresta para as grandes cidades do país, organizando os primeiros rituais do Nixi Pae no eixo Rio-São Paulo. Desse encontro se forma no Rio de Janeiro um pequeno grupo que sente uma crescente corrente de cura e busca o aprofundamento dentro da espiritualidade Huni Kuin. Começaram nesta época os primeiros chamados para conhecer os rituais do Nixi Pae em sua fonte, nas aldeias Huni Kuin. Assim foram realizadas incursões de membros do grupo às aldeias do Jordão e Tarauacá, fortalecendo cada vez mais a ligação do grupo com a cultura, o povo e suas principais lideranças, incluindo o cacique Siã, Txaná Ixã e o saudoso pajé Agostinho, o velho Ika Muru, cuja visão da necessidade de resguardar a tradição dos antigos pajés inspirou a formação do grupo dos Guardiões Huni Kuin do Rio de Janeiro, liderado pelo jovem Huni Kuin Txana Bane (PORTAL TXAI, 2023).

Nesse sentido, a pesquisa em desenvolvimento vem sendo realizada a partir de incursões do pesquisador em cerimônias realizadas por indígenas Huni Kuin/Kaxinawá do Acre na Aldeia

---

<sup>4</sup> Outros grupos também organizam retiros espirituais e cerimônias indígenas de ayahuasca no local, como o Uní Retreats (UNÍ RETREATS, 2023).

Akasha, tendo como referenciais metodológicos as atividades de levantamento bibliográfico, pesquisa em plataformas virtuais de streaming, entrevista e diálogo com interlocutores e etnografia em campo. De acordo com informações coletadas em campo, um dos fundadores dos Guardiões Huni Kuin foi João Shaemitum<sup>5</sup>, que juntamente a outros integrantes deu origem ao coletivo em 2005, com o propósito de estabelecer conexões entre a cidade e a floresta, e de salvaguardar os saberes tradicionais Huni Kuin. Cabe ressaltar que o surgimento dos Guardiões e a vinda dos Huni Kuin para o Rio de Janeiro deu início a uma série de cerimônias e outros eventos indígenas organizados em circuitos que abrangiam os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Gradativamente esse perímetro foi sendo ampliado para outros estados do Sudeste, assim como para outras “aldeias urbanas” e locais cerimoniais em distintas Regiões como o Sul e o Centro-Oeste.

Para os Huni Kuin, a cerimônia de ayahuasca é denominada “Nixi Pae” (que possui o significado Nixi: fio/cipó e Pae: encanto). O Nixi Pae ou “Huni Pae” é produzido através do cozimento do cipó “huni” (mariri/jagube) com a folha “kawa” (chacrona), em um processo lento, artesanal e ritualístico. Após preparada a bebida, as cerimônias são conduzidas preponderantemente através dos cantos indígenas (“huni meka”), que são transmitidos de forma geracional após serem recebidos por “Yuxibu”, o grande espírito criador (que também se manifesta em cada indivíduo, animal, planta ou elemento). De acordo com a cosmologia dessa etnia, os huni meka foram transmitidos para os indígenas através do “povo da jiboia”, que habita o fundo do rio em outro plano existencial. Os efeitos causados pela substância remetem aos processos primordiais de criação do universo, a cosmogonia Kaxinawá (LABATE, 2004).

A ingestão da bebida psicoativa possibilita o contato com outra realidade sensorial e psicológica, descrita por alguns pesquisadores como sinestésica ou holística, abrangendo um contato com distintas sonoridades, imagens e cores (KEIFENHEIM, 2004), concomitantes às “mirações”<sup>6</sup>. Para diversos autores que se aprofundaram na temática das cerimônias de ayahuasca, tais como o antropólogo Alberto Groisman, denominá-la uma bebida ou droga “alucinógena” seria um equívoco tanto semântico, por não respeitar as denominações nativas atribuídas ao chá, quanto um lapso conceitual (GROISMAN, 1992), por reduzir a complexidade de seus efeitos e relações cosmológicas dos Kaxinawá a perspectivas exógenas e científico-eurocêntricas. Nesse sentido, têm sido priorizados os termos “psicoativo”, “psicodélico”, ou

<sup>5</sup> Experiente fisioterapeuta que trabalha com acupuntura, shiatsu e dorn method, sendo ainda um grande estudioso das medicinas dos pajés da floresta.

<sup>6</sup> Embora seja de grande relevância às cerimônias de ayahuasca, esse conceito se apresenta de forma transversal às temáticas abordadas nesse artigo. Ainda assim, discuto a noção com maior profundidade no próximo subitem.

ainda “enteógeno” – que está diretamente associado a “gerar internamente o divino” – para caracterizar o Nixi Pae, sendo essa última noção, talvez a que mais compactue com as perspectivas e epistemologias nativas.

### **Huni meka – cantos sagrados e cosmologias nas cerimônias**

De acordo com as narrativas cosmológicas Huni Kuin, tanto o feitio do Nixi Pae quanto os cantos sagrados da cerimônia, os huni meka, foram ensinados pelo povo jiboia. No livro “Huni Meka – Cantos do Nixi Pae” (2007), no capítulo “A história do Cipó (Huni)”, temos acesso a uma versão desse mito primordial da origem do Nixi Pae, a qual buscarei sintetizá-la neste artigo. Cabe enfatizar que a publicação desse livro é de caráter coletivo dos indígenas Huni Kuin do Território Indígena Kaxinawá do Rio Jordão (Acre), e foi realizada pela Comissão Pró-Índio do Acre e financiada pelo IPHAN. Conta a história que um indígena caçador, após realizar um ritual, foi morar em outro plano, embaixo do lago com uma mulher jiboia, pela qual foi enfeitiçado e se apaixonou. Nesse outro plano morou por vários anos e aprendeu sobre o feitio do Nixi Pae e sobre os cantos sagrados huni meka com o povo jiboia. Durante a “miração”, o homem percebeu que corria perigo e resolveu fugir e retornar à terra. Descobriu um portal na cabeceira do igarapé e retornou. Antes de morrer, o indígena ensinou aos seus parentes o que havia aprendido com o povo jibóia sobre a escolha do cipó e da folha, sobre o feitio e sobre os cantos. Após ser enterrado, seu corpo se tornou o próprio cipó e a folha e os Huni Kuin fizeram o chá e iniciaram a tradição do Nixi Pae.

Os cantos sagrados, nesse sentido, remetem à jiboia primordial. Para a antropóloga Els Lagrou, em seu livro “A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)” (2007), a jiboia é:

uma das manifestações do xamã primordial Yube, mestre do mundo aquático, com suas várias manifestações em forma de lua, arco-íris e cobra cósmica, a jiboia não é apenas um animal com yuxin [espírito], mas tem também yuxibu (poder para transformar o mundo a sua volta). A jiboia sustenta uma relação metonímica direta com este princípio cosmogônico (LAGROU, 2007, p. 215).

E essas narrativas relacionadas à jiboia e ao Nixi Pae também são encontradas nos próprios cantos, tais como nas letras entoadas pelos artistas indígenas Mapu Huni Kuin (“O Povo da Jiboia”), Ninawá Huni Kuin (Yube Manã Ibubu) e Ninawá Pai da Mata (“Chamando os Espíritos”) que discutiremos no próximo subitem.

Retomando algumas informações presentes no livro “Huni Meka – Cantos do Nixi Pae” (2007), considero relevante salientar a fala de Joaquim Paulo Mana Kaxinawa (professor e linguísta) sobre o intuito de registrar, difundir e preservar os conhecimentos tradicionais Huni Kuin e a língua hatxa kuin entre os próprios indígenas:

Esse interesse em registrar a nossa cultura nasceu no momento em que a nossa língua passou a ser dominada pela escrita. A publicação dessa pesquisa sobre os cantos do Nixi Pae tem o mesmo objetivo de anos atrás, quando demos início às pesquisas: queremos que os nossos conhecimentos tradicionais, a nossa cultura, especialmente as músicas, façam parte do estudo de línguas nas escolas indígenas, para que os professores aprendam e ensinem a seus alunos. Não só a seus alunos, mas também para todo o povo Kaxinawá, para que possam se expressar e fortalecer a língua materna. Por isso, em sua maior parte, este livro está escrito em hãtxa kui ou Língua Verdadeira, uma das nove línguas da família Pano ainda existentes no Acre. (HUNI MEKA, 2007, p. 4)

Em todas as cerimônias do Nixi Pae Huni Kuin que presenciei, constatei cantos na língua originária Huni Kuin, o hatxa kuin, e outros cantos entoados em português. Os cantos mais tradicionais, em hatxa kuin, geralmente são entoados à capella ou com o acompanhamento somente de instrumentos como o maracá. Estes cantos abrem o ritual e são cantados logo após o consumo da bebida enteógena. Tais cantos possuem um caráter bastante repetitivo, com trechos mais falados, assemelhando-se a rezos ou ladainhas religiosas (algo semelhante a uma fala cantada ou melodia falada). Alguns cantos possuem um caráter de canto anasalado e vocálico, estabelecendo melodias com poucas notas (muitas vezes aproximados à escala pentatônica) e de um caráter preponderantemente rítmico. Os cantos, de acordo com discursos nativos apresentados nas cerimônias, são formas de trazer a “miração” e de colori-las. Somente em um segundo momento da cerimônia, aproximadamente umas três ou quatro horas após seu início, é que são entoados cantos com o violão, um pouco mais animados ou mais dramáticos, e na parte final da cerimônia surgem os cantos em português ou híbridos, com partes em português e partes em hatxa kuin.

Os cantos sagrados huni meka – de acordo com narrativas dos indígenas e de autores que se debruçaram sobre o tema – entoados em comunhão com a força da ayahuasca, proporcionam e potencializam (ou também podem amenizar, caso necessário) manifestações visuais (caleidoscópicas, multicores), “mirações” (visões que se aproximam ao universo onírico ou a mundos distintos), contatos com seres animais (jiboia, gavião, onça, sapo) e espirituais que integram a cosmologia Huni Kuin, transmitindo aprendizados (insights) e curas (físicas e espirituais) (MENESES, 2004).

As “mirações”, de forma geral, são compreendidas como visões sobre o passado, presente, futuro, visões espirituais e de outros universos em estados não ordinários de consciência - “ENOC” (MIKOSZ, 2009). Também estão associadas a padrões visuais (padrões geométricos, formas, linhas, cores, luzes, densidades, mandalas, espirais e vórtices em movimento), sensações, sentimentos, sinestésias, memórias, insights, contatos com seres de outros planos, e informações sobre processos de cura apreendidas durante o ritual. É possível estabelecer relações entre as visões e padrões visuais das mirações com os desenhos e significados dos “kenes” (grafismos sagrados Huni Kuin – “kene kuin”: “pintura verdadeira”), também manifestos nas pinturas corporais e faciais, cerâmicas, tecelagem, artesanatos e vestimentas para a cerimônia.

Diante das informações, narrativas e argumentos apresentados, é possível constatar relações entre os cantos e os aspectos cosmológicos/cosmogônicos, religiosos, sociais, e até mesmo psicológicos, que permeiam os huni meka e conduzem ao transe durante as sessões. As questões musicais e ritualísticas que conduzem a cerimônia – desde a abertura, a “chamada da força” e dos espíritos, os cantos para as mirações, e os cantos posteriores para o abrandamento da energia e encerramento da sessão –, assim como suas construções poéticas, as narrativas nativas sobre o tema, traduções para o português e esclarecimento dos significados das letras, nos fornecem subsídios para compreensões e análises mais aprofundadas sobre os cantos que são midiaticizados em gravações de áudio e audiovisuais (videoclipes) e divulgadas em plataformas como o Spotify e Youtube. Além disso, tais pesquisas e aprofundamentos também podem gerar reflexões frutíferas a partir de esforços colaborativos entre as áreas de Antropologia, Linguística, Comunicação e Música.

### **Artistas indígenas Huni Kuin e os cantos sagrados nas plataformas digitais**

Diversos artistas musicais (compositores, cantores e instrumentistas), indígenas ou não, vêm registrando e divulgando cantos xamânicos ou, mais especificamente, cantos de cerimônia de ayahuasca nas plataformas digitais. Tais cantos estão presentes não somente no Youtube e Spotify, mas também no Vimeo, Apple Music, Deezer, Soundcloud, Tidal, além do Instagram e Facebook. Entretanto, minha abordagem se restringiu às duas primeiras plataformas citadas, em razão de serem as mais acessíveis e populares (GARCIA, 2022), e pelo fato de serem minhas principais fontes para o consumo de música e videoclipes.

Ainda nesse contexto, como já citadas anteriormente, são diversas as etnias indígenas a fazer uso e a realizar cerimônias de ayahuasca. Consequentemente, existe uma infinidade de

cantos, práticas e técnicas vocais e instrumentais que entoam narrativas cosmológicas e cosmogônicas em distintas línguas nas sessões ritualísticas, sendo também expressas em contextos artísticos nas plataformas digitais.

Como forma de estabelecer um recorte específico para este artigo, possibilitando um aprofundamento e análise de alguns materiais artísticos, foram selecionadas canções gravadas por cinco lideranças Huni Kuin, os pajés e artistas Ninawá Pai da Mata<sup>7</sup> (Aldeia Novo Futuro – Terra Indígena Rio Humaitá); Ninawá Huni Kuin<sup>8</sup> (Terra Indígena do Caucho); Txana Isarewe<sup>9</sup> (Aldeia Reino da Estrela – Rio Jordão) e Txana Ikakuru<sup>10</sup> (Aldeia Boa Vista – Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão); e Mapu Huni Kuin<sup>11</sup> (Aldeia Kaxinawá Ashaninka do Rio Breu). Os dois primeiros pajés/artistas eu tive a oportunidade de conhecê-los pessoalmente e de participar de cerimônias de Nixi Pae conduzidas por estes na Aldeia Akasha em 2023.

Os cantores Huni Kuin também são chamados de “txanas”, na língua originária hatxa kuin, que significa “japiim” (pássaro de coloração preta e amarela da espécie *Cacicus Cela*, também conhecido popularmente por “xexéu”, “japim”, “baguá” etc.). Para adquirirem esta denominação, além de anos de estudo sobre os cantos, histórias e as medicinas da floresta, os indígenas passam pelo ritual “Hãpaya” (ou “Batismo da Pimenta”). Neste rito é utilizado um macerado de pimenta que é aplicado na língua do cantor/artista com o bico do pássaro japiim, enquanto o pajé entoa cantos e rezos sagrados. O ritual envolve bastante salivação e ardência, e está associado ao aprimoramento do canto, da comunicação, da memória para os cantos e ao fortalecimento vocal. Embora eu não tenha participado desse ritual, cabe enfatizar que ele também foi realizado pelos indígenas na Aldeia Akasha em uma de minhas imersões no local.

O Japim é um pássaro de exímia habilidade de imitação do canto de outros pássaros. Nesse sentido, em uma analogia, poderíamos afirmar que, ao passar o bico do japim em sua própria língua na cerimônia do hãpaya, os cantores passam a dominar a capacidade de imitação, ou aprendizado e reprodução de cantos de outros indígenas, de outros “txais” (termo kaxinawá que originalmente significa “outro”, “parente”, “cunhado” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018), mas que atualmente vem sendo ressignificado como “amigo”, “irmão”). Após o ritual do Hãpaya é preciso seguir algumas orientações de dieta, tais como não ingerir sal, açúcar, entre outros alimentos, e se alimentar com intervalos de poucas horas entre as refeições por três dias.

<sup>7</sup> Álbum “Chamando os Espíritos”, 2023 (NINAWÁ PAI DA MATA, 2023)

<sup>8</sup> Álbum “Fala a Mãe Natureza”, 2019 (NINAWÁ HUNI KUIN, 2023)

<sup>9</sup> Álbum “Encontro Mi Mawai”, 2017 (TXANA ISAREWE E IKAKURU, 2023)

<sup>10</sup> Idem

<sup>11</sup> Álbum “Cantos Huni Kuin: Kayatibu Dautibuya Huni Kuin”, 2018 (MAPU HUNI KUIN, 2023)

Direcionando os escritos para características específicas dos registros de cantos sagrados dos artistas citados presentes nas plataformas, é possível ressaltar que as gravações, de forma geral, são realizadas ao vivo, ainda que sejam versões gravadas em estúdio. Ao que tudo indica, os Huni Kuin priorizam a performance ao vivo e coletiva, e não têm optado por gravar os cantos e instrumentos de forma segmentada (individualmente), como são gravadas a maioria dos álbuns atualmente. Nesse sentido, cabe afirmar que os aspectos de coletividade, e a energia e o “calor” da execução em presente momento – tal qual ocorre nas cerimônias – são privilegiados em detrimento de qualquer falha na performance ou mesmo da própria qualidade de captação sonora dos instrumentos e voz.

Em alguns cantos registrados, sobretudo os huni meka, cantados em hatxa kuin e de caráter mais tradicional, são utilizadas somente a voz ou mais de uma voz. Em ocasiões de duas vozes masculinas, os cantos costumam ser entoados em uníssono de maneira simultânea, ou ainda em uníssono com um pequeno delay (atraso), gerando um efeito de “eco” entre as vozes. Essas circunstâncias ocorrem em momentos da música “Mae Yuka Ika” e “Nuku Mana Yuxibu”, gravadas por Txana Isarewe e Txana Ikakuru, disponíveis no Spotify e Youtube. Ainda se tratando dos cantos mais tradicionais, algumas vezes estes podem ser acompanhados por um maracá indígena marcando a pulsação, ou realizando ostinatos rítmicos sem alterações por toda a música. Tais descrições também foram observadas em cerimônias na Aldeia Akasha.

Em outras gravações, de caráter mais moderno, os cantos são acompanhados geralmente por instrumentos musicais como o violão, ukulele ou charango, o maracá e o djembê. Essa formação específica está presente no disco single de Ninawá Pai da Mata, intitulado “Chamando os Espíritos” (2023). Nesta canção, em determinado momento a letra entoa (em português) “Vem chegando a jiboia / A jiboia está curando / Está curando todos nós / Está curando o corpo todo / Está curando o coração / Está curando o pensamento [...]” Na mesma letra, a palavra “jiboia” é substituída por “ayahuasca” e em outro momento por “espíritos”, reafirmando essa conexão com a cosmologia Huni Kuin e com os propósitos de invocação e cura cerimoniais do Nixi Pae. A referida obra também foi executada em uma das cerimônias que participei na Aldeia Akasha conduzida pelo pajé.

Tomando como referência registros de cantos de ayahuasca em que são empregadas vozes masculinas e femininas simultaneamente, é possível afirmar que geralmente a voz mais aguda entoa a melodia uma oitava acima da voz grave, como ocorre na canção “Yube Nawa Aibu” gravada em estúdio em São Paulo por Ninawá Huni Kuin no álbum “Fala a Mãe Natureza” (2019). Muitas dessas gravações, como ressaltou Ninawá – pajé e professor de hatxa kuin em sua região no Acre – em diálogo ocorrido na Aldeia Akasha, são realizadas com os

artistas na “força”<sup>12</sup> da ayahuasca, isto é, sob efeito da bebida enteógena. Acredito que essa decisão seja impulsionada pelo intuito de potencializar o canto e se conectar com maior profundidade a sua função original cerimonial.

Em determinadas versões de cantos do Nixi Pae, podemos considerar o arranjo instrumental ainda mais moderno, se comparado aos álbuns de ambos os pajés Ninawá. No caso citado, a formação musical de voz e violão foi acompanhada pelo baixo elétrico e pela bateria, ainda pouco convencional para canções ritualísticas Huni Kuin. Essa configuração está presente no álbum gravado a partir do show “Encontro Mi Mawai #1” com Isarewe e Ikakuru Huni Kuin. Nesse sentido, em um mesmo álbum – gravado no estúdio da Ethnohaus, no Rio de Janeiro em fevereiro de 2017 – são encontrados tanto cantos tradicionais (somente à capela) quanto arranjos mais modernos com instrumentos elétricos.

O cacique e líder espiritual Mapu Huni Kuin, proveniente da aldeia Kaxinawá Ashaninka do Rio Breu (fronteira com o Peru), também trabalhou por diversos anos conduzindo cerimônias de ayahuasca em todo o Brasil, e em 2018 o indígena lançou no Spotify o álbum “Cantos Huni Kuin: Kayatibu Dautibuya Huni Kuin - Rezos Sagrados de Cura do Povo Huni Kuin”. O disco é composto por oito músicas, sendo uma delas instrumental (flauta solo), três canções em português (“Índio Guerreiro Chegou”; “Com as Medicinas do Meu Pai”; “Chegou Chegou o Índio Curador”), três em hatxa kuin (“Huwã Karu Kayawai”; “Nakû Kayatiburã”; “Yube Manã Ibbu”), e uma híbrida, com trechos em ambas as línguas (“O Povo da Jiboia”). Todas as canções do álbum de Mapu são acompanhadas por violão e maracá.

Mapu também participou do festival Global Citizen Live Amazon em 2021, em parceria com Owerá (Kunumi MC) do povo Guarani Mbyá, artistas da etnia Yawanawá, e o ícone internacional da música eletrônica Alok. A gravação audiovisual dessa performance musical está disponível na plataforma do Youtube (GLOBAL CITIZEN, 2021) em que o artista apresentou cantos tradicionais dos povos Huni Kuin, seguidos de cantos Yawanawá, juntamente a rimas do rapper Guarani Mbyá, remixados em uma versão conduzida pelo DJ internacional com beats e efeitos eletrônicos. O artista indígena anunciou que será lançado ainda neste mês de agosto o álbum gravado com Alok.

Em entrevista concedida à plataforma G1 da Globo, o pajé Mapu aborda o processo de gravação com Alok e afirmou que:

---

<sup>12</sup> A “força” é um conceito muito recorrente em cerimônias de ayahuasca, sendo que, em síntese, “estar na força” se refere a estar sentindo a potência do Nixi Pae, ou seja, a energia e os efeitos proporcionados pelo chá.

Está sendo um processo muito importante, primeiro que estamos tendo oportunidade de falar com o mundo através da rede dele. Estamos simplesmente transmitindo aquilo que a mãe natureza nos ordena. É muito importante para o povo Huni Kui porque, de certa forma, é nossa identidade, nossa origem, nossa realidade que o povo está vendo, nosso conhecimento e o nosso valor. Hoje o meu povo está sendo contemplado para que o mundo possa conhecer que existe esse povo que se preocupa com o bem da humanidade, por uma vida melhor, saúde de qualidade, reintegração da natureza com o ser humano (GLOBO G1, 2023).

Atualmente Mapu integra o elenco da novela “Terra e Paixão”, interpretando o personagem Raoni Guató, um aprendiz de xamã. O artista indígena, ao comentar sobre seu interesse em gravar um disco de reggae, gênero musical pelo qual nutre grande apreço, reafirma que “A minha ideia é difundir os rezos do meu povo em várias vertentes, porque assim a gente vai poder tocar no coração das pessoas” (GLOBO GQ, 2023). Dentre os pajés/artistas citados, Mapu Huni Kuin certamente foi o indígena que obteve maior projeção midiática, atuando como músico e ator com quase cem mil seguidores no Instagram.

Direcionando o discurso para as considerações finais deste artigo, é pertinente sublinhar que nesta pesquisa em desenvolvimento foram realizadas análises e apontamentos sobre aspectos musicais, cosmológico-ritualísticos, identitários e midiáticos. Seguindo nessa esteira, também foram ressaltadas algumas das razões pelas quais ocorrem tais trânsitos dos cantos ritualísticos entre as cerimônias de ayahuasca e as plataformas digitais. Dentre as motivações elencadas estão: “fortalecer a cultura indígena” (como afirmou Mapu Huni Kuin), “criar conexões entre a floresta e as cidades” (PORTAL TXAI, 2023) e “apresentar a cultura aos nawa” (“outra gente”, brancos ou não indígenas) (FERREIRA OLIVEIRA, 2018). Também foi enfatizada a relevância do registro dos cantos para a posteridade, tanto para os indígenas mais novos quanto para os brancos, como ressaltou Ninawá Huni Kuin em um diálogo estabelecido na Aldeia Akasha em 2023. Por fim, é relevante salientar que a gravação dos cantos das cerimônias de ayahuasca também revela uma intenção dos txanas Huni Kuin em serem reconhecidos como artistas, artistas espirituais, que buscam ampliar suas identidades e registrar os huni meka como forma de difusão e preservação de sua cultura.

## Referências

CABRAL DE OLIVEIRA, J.; Emperaire, Laure; MORIM DE LIMA, A. G.; SHIRATORI, K.; MARRAS, S.; AMOROSO, M. R. (Orgs.). **Vozes vegetais. Diversidade, resistências e histórias da floresta**. 1. ed. São Paulo: Ubu, 2020.

FERREIRA OLIVEIRA, Aline. Os outros da festa: um sobrevoo por festivais yawanawa e huni kuin. **Horizontes Antropológicos** (UFRGS. Impresso), v. 24, p. 167-201, 2018.

GARCIA, Marina Schmidt Alves. **Comunidade Spotify: Novas funcionalidades para potencialização da experiência social na plataforma de streaming de música.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Nova Lisboa. Portugal. 2022

GLOBAL CITIZEN. **Global Citizen Live Amazon 2021.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3GIGj6j3SFU>>. Acesso: 14 ago. 2023.

GLOBO G1. **Indígenas do Acre se apresentam com ALOK em festival internacional de música.** Reportagem de 29 set. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ac/acre/natureza/amazonia/noticia/2021/09/29/indigenas-do-acre-se-apresentam-com-alok-em-festival-internacional-de-musica.ghtml>>. Acesso: 10 ago. 2023.

GLOBO GQ. **Mapu Huni Kuî, líder indígena e agora ator de novela, defende ir além da demarcação de terras.** Disponível em: <<https://gq.globo.com/um-so-planeta/noticia/2023/05/mapu-huni-kui-lider-indigena-ator-terra-paixao-novela-demarcacao.ghtml>>. Acesso: 12 ago. 2023.

GOVERNO DO ACRE. Acre. Disponível em: <<http://acre.gov.br/acre/#:~:text=A%20revolta%20dos%20brasileiros%20diante,controv%C3%A9rsias%20quanto%20aos%20limites%20territoriais.>>. Acesso: 14 ago. 2023.

GROISMAN, Alberto. Muerte y renacimiento. Concepciones acerca de la espiritualidade de la muerte en la doctrina del Santo Daime, in: CIPOLLETTI, M. S. e LANGDON, E. J. (orgs.). **La muerte y el más allá en las culturas indígenas latino-americanas.** Quito, Ed. Abya-Yala, 1992.

HILBERT, Klaus. Notas arqueológicas sobre o uso de substâncias psicoativas na cultura marajoara, baixo Amazonas. In: **Amazônica: Revista de Antropologia**, v. 13, p. 49-74, 2021.

INU TAE. Loja virtual. Disponível em: <<https://www.inutae.com/>>. Acesso: 9 ago. 2023.

JORNAL GRANDE BAHIA. **Cacique Joel e o povo indígena Puyanawa: seu reingresso na luz da Ayahuasca.** Artigo de Juarez Duarte Bomfim. Disponível em: <<https://jornalgrandebahia.com.br/2021/08/cacique-joel-e-o-povo-indigena-puyanawa-seu-reingresso-na-luz-da-ayahuasca-por-juarez-duarte-bomfim/>>. Acesso: 17 ago. 2023.

KEIFENHEIM, Bárbara. Nixi Pae como participação sensível no princípio de transformação da criação primordial entre os índios Kaxinawá no leste do Peru. In: LABATE, Beatriz C.; ARAUJO, W. S. (Org.). **O uso ritual da ayahuasca.** 2. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. v. 1. p. 97-128.

LABATE, Beatriz C.; ARAUJO, W. S. (Org.). **O uso ritual da ayahuasca.** 2. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. v. 1. 736p.

LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte: Editora ComArte, 2009. v. 1.

LANGDON, E. Jean Matteson (Org.). **Xamanismo no Brasil: Novas perspectivas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

MATOS, Marcos de Almeida. Entre sucuris e queixadas: transformações nos mitos pano de origem da ayahuasca. **Revista de Antropologia**, v. 65, p. 1-28, 2022.

MENESES, Guilherme Pinho. Medicinas da floresta: conexões e conflitos cosmo-ontológicos. **Horizontes Antropológicos** (UFRGS. Impresso), v. 24, p. 229-258, 2018.

MIKOSZ, José Eliézer. **A arte visionária e a Ayahuasca: representações visuais de espirais e vórtices inspiradas nos estados não ordinários de consciência (ENOC)**. Tese de Doutorado em Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, 2009.

PORTAL TXAI. Disponível em: <<https://portaltxai.org/quem-somos/>>. Acesso: 15 ago. 2023.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. **Huni Kuin (Kaxinawá)**. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Huni\\_Kuin\\_\(Kaxinaw%C3%A1\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Huni_Kuin_(Kaxinaw%C3%A1))>. Acesso: 05 ago. 2023.

UNÍ RETREATS. Disponível em: <<http://uniretreats.org/>>. Acesso: 13 ago. 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Antropologia Perspectivista e o método da equivocação controlada. Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, 5 (10): 247-264, agosto a dezembro de 2018. ISSN: 2358-5587

\_\_\_\_\_. Sobre la noción de etnocidio, con especial atención al caso brasileño. **Estudios de História Moderna y Contemporânea de México**, v. 60, p. 111-144, 2020.

### Referências (álbuns e links de plataformas digitais)

MAPU HUNI KUIN. **Álbum Cantos Huni Kuin: Kayatibu Dautibuya Huni Kuin - Rezos Sagrados de Cura do Povo Huni Kuin**. 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy\\_IFwNN930387cQAFe2Yhp\\_NMuJhDimVE3U](https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_IFwNN930387cQAFe2Yhp_NMuJhDimVE3U)> / <<https://open.spotify.com/intl-pt/artist/5VITZppajIGYaPsMLihaIr/discography/album>>. Acesso: 10 ago. 2023.

NINAWÁ HUNI KUIN. **Álbum Fala a Mãe Natureza**. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZmFbeHtFBtA&t=205s>> / <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/17OQKh9BLBeNIQwJk0r0vB>>. Acesso: 10 ago. 2023.

NINAWÁ PAI DA MATA. **Disco (Single) Chamando os Espíritos.** 2023. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=12aHRuuACo0>> / <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/2w3f8dquotZKQX9tXLvkED>>. Acesso: 10 ago. 2023.

TXANA ISAREWE E IKAKURU. **Álbum Encontro Mi Mawai #1.** 2019. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=AU1geuLc6sE&list=PLDWqHWiXjMzRLEF\\_km9TG6qOi3e5mNyun](https://www.youtube.com/watch?v=AU1geuLc6sE&list=PLDWqHWiXjMzRLEF_km9TG6qOi3e5mNyun)> / <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/1fpe92ePdcSZTuOdGfaGQk>>. Acesso: 10 ago. 2023.